

**Trabalho apresentado no V Congresso Internacional
sobre as Festas do Divino Espírito Santo**

Terceira/Açores

31 de maio a 3 de junho 2012

SIM, SENHORAS!

A participação das mulheres na organização da festa do Divino Espírito Santo, em Gravataí – RS, nas suas diversas fases, desde 1859

**Célia Silva Jachemet
Professora – Mestre em História - UNISINOS**

INTRODUÇÃO

O presente estudo faz uma análise das relações de poder dentro das festas do Divino Espírito Santo, tomando como base a festa na Paróquia Nossa Senhora dos Anjos, de Gravataí – RS, no período de 150 anos, evidenciando o papel das mulheres e as mudanças ocorridas neste espaço temporal, no todo da festa, envolvendo, desde os preparativos até o seu encerramento.

Apresenta, em cada fase da festa, a participação sutil das mulheres, à mercê e à margem dos senhores esposos, pais e do próprio pároco, a crescente contribuição delas na condução, permanência e resgate da festa e dos festejos, assegurando as possibilidades de aproximação com a Igreja para que a festa tenha se tornado promoção conjunta, diminuindo as distâncias entre o laicismo do evento e as formalidades eclesiais.

Considera os diversos momentos dessa caminhada, a cada fase, como: no tempo do Império Brasileiro, nos primeiros anos da República, na emancipação política das mulheres brasileiras (1932), no período Pós-Guerra (1a. Guerra Mundial) e no período atual.

Avalia que, à medida que os homens voltavam-se para a política e os negócios, elas iam assumindo papéis destinados somente a eles, dentro da organização da festa; mesmo as tarefas de nomes militarizados, como “Alferes” da Bandeira.

Questiona que o poder de cada um é relacional, pela boa convivência entre todos. Mesmo tendo as mulheres o poder de preparar, prover e realizar a festa, ainda assim a palavra do Imperador será decisiva.

Nos últimos dez anos, após a reabilitação, o resgate da festa, depois de mais de três décadas, ideia que partiu de um grupo heterogêneo, dentre os organizadores, em maior número estão as mulheres.

Verifica, nesta organização realizada em sua grande parte pelas classes A e B, que há certo elitismo na Festa do Divino, diferentemente daquela da padroeira, pois se trata de um momento raro de estar visível na própria comunidade, chegando os seus organizadores a usarem traje da mesma cor (preta e branca) nos dias de festa. Na igualdade querem ser vistos como diferentes.

Os “cargos”, antes pertencentes somente aos homens, passam a figurar nos convites da festa também com os nomes das mulheres. São o imperador e a imperatriz, os festeiros e as festeiras, as alferes da Bandeira, as mordomas, encarregados e encarregadas de tarefas diversas e de outras atribuições que conduzem a festa e os festejos.. Vale lembrar que o Alferes era cargo único e ocupado por um homem, que distribuía as bandeiras para saírem à busca das ofertas e anunciarem a festa. Cada bandeireiro era acompanhado por um tamboreiro que ia à frente, a cavalo e, mais antigamente, pela folia. Hoje quem executa este encargo são as mulheres que se encarregam de levar a bandeira de casa em casa. Quase sempre sozinhas e são chamadas de “Alferes”.

Salienta a participação de mulheres em um grupo chamado “Amigos do Divino”, formado pelos imperadores dos últimos anos, após feito o resgate da festa. Esse grupo tem a função de manter viva e fomentar a tradição da festa, a devoção ao Divino Espírito Santo e opinar sobre questões da festa, auto-ajuda entre os participantes, o que lembra um pouco uma irmandade.

O texto final deste estudo será documentado com exemplos de cada etapa, fundamentando-se nos estudos da História Cultural.

Finalmente aborda a questão da participação da mulher nas pastorais da Igreja e nas tomadas de decisões relativas à comunidade social e religiosa em questão.

A FESTA NAS SUAS DIVERSAS FASES

A festa do Divino em Gravataí encontra os mesmos referenciais de organização, temporalidade e representatividade das realizadas por todo o Brasil, diferenciando-se em pormenores indicadores da cor local e do contexto histórico e geográfico da sua inserção.

O Divino Espírito Santo não é o padroeiro de Gravataí e nem da paróquia mais antiga que abriga a festa tradicional, mas a Sua festa é a de maior dimensão na memória popular e a que concorre com mais lembranças e registros nos livros paroquiais, como refere Maria Josefina Lessa Peixoto em apontamentos no livro tombo do Apostolado da Oração da paróquia.

“É incontestável que a procissão do Divino Espírito Santo se reveste de grande brilhantismo, porque ela dispõe de recursos que faltam às outras. Contribuem para o seu esplendor as belas imagens dos santos, em lindos andores adornados com esmerado gosto, as crianças vestidas de anjos, a boa banda de música, a enorme quantidade de foguetes e ainda a grande concorrência do povo vindo do interior para assistir a festa.” (livro-tombo da paróquia N.S.dos Anjos, 1929).

Ao que se propõe este estudo, evidenciar a participação das mulheres na organização da festa, retrocedemos à sua primeira fase, 1859 a 1868, em que como organizador da festa aparece somente o nome do Imperador, no qual subentende-se a sua família: esposa, filhos, agregados e escravos. Nesta fase os imperadores eram sempre grandes proprietários rurais e arcavam com as despesas da festa. Se a festa chegasse a ser realizada, mesmo sem que aparecessem os seus nomes, as mulheres davam sustentabilidade à organização, no preparo de roupas e na distribuição de serviços à criadagem da casa.

Podemos atribuir isto, dado o conhecimento dos imperadores abaixo relacionados, antigos proprietários de terras, a maioria deles de ascendência açoriana.

“Relação dos Imperadores:

1861 – André Machado de Moraes Sarmiento

1865 – João José de Vargas

1866 – Laurindo Antônio de Oliveira

1867 – Felisbino Antônio Alves

1868 – Antônio Rodrigues da Fonseca”

A partir de 1870 os nomes para exercerem o cargo de imperadores da festa passam a ser sorteados e aparecem os cargos adjuntos: Capitão do Mastro, Alferes da Bandeira, Procurador; sempre os homens.

Em 1875 a paróquia registra um acórdão para a escolha dos festeiros. (A tentativa de trocar o nome de Imperador para festeiro ocorria sempre que chegava um padre de origem alemã ou italiana, mas o povo sustentava o nome de Imperador, apoiado pelos padres de origem lusa).

No referido acórdão aparece, pela primeira vez, referência à mulher:

“Art. 3° (...)

Quando um dos cônjuges for sorteado e tiver realizado a festa, não poderá o outro ser incluído em sorteio algum senão decorridos dez anos depois da festa (...)

Art.4°:

O Septenário será substituído por um tríduo, sendo feita a festividade de cada dia por um homem e uma mulher; os que não poderão ser escolhidos entre filhos = famílias.”

A cada cargo corresponde um encargo. Imperador: o chefe, coordenador, Capitão do Mastro: o encarregado de levantar o mastro que anuncia o período de festa, o Alferes da Bandeira é o que distribui e coordena as Bandeiras para a busca de donativos e o Procurador é aquele que provê os gastos e as recolhidas de ofertas. Mas há outros encargos, como o de vestir os anjos e os santos, que cabe aos homens pagarem as despesas e às mulheres criarem e confeccionarem as roupas.

Para cada santo havia um anjo e um pajem, cuja vestimenta de seda bordada era da mesma cor da vestimenta dos santos padroeiros ou segundos padroeiros. Estes anjos seguiam os andores dos santos que faziam parte da procissão. O anjo do Divino, que vestia as cores vermelha e dourada, seguia o andor do Divino. Este andor, que sustentava o ostensório, era disputado. A paróquia tinha como primeiros padroeiros Nossa Senhora dos Anjos e o Divino e, como segundos padroeiros Nossa Senhora do Rosário, protetora dos “homens de cor”, São José e São Miguel.

Há registros orais e escritos dando conta de que, no início do século XX, havia uma casa na cidade especializada em confeccionar roupas de anjos e de santos para venda e aluguel. Também confeccionava roupas finas para as senhoras usarem na festa. Este comércio pertencia às senhoras Maria Luiza e Elmira.

A participação das mulheres na organização alcançava também a ornamentação da Ramada do Império, a confecção de massa sovada para o consumo na festa e para os ex-votos, a ornamentação da praça e a organização das prendas para os leilões e ofertas que elas mesmas concorriam para serem contempladas por marido, noivo ou interessado em namoro. A moça que não recebia nenhum mimo de um rapaz na festa, dizia-se que estava “no cabrito”. Era quase um desastre. Muitas vezes os próprios pais faziam chegar uma oferta à filha que estivesse prestes a não ganhá-la.

A participação das mulheres nas procissões gozava de certo destaque pelo luxo das moças e senhoras de posse, cujo melhor dos três vestidos feitos para a festa era o da procissão que acontecia à tarde.

Assim descreveu a procissão da festa do Divino, o Senhor Darci Soares da Fonseca:

“A procissão era assim: dividida em duas alas. Na frente, a Irmandade do Rosário, no centro, o Mulato Ramires com o Jesus Crucificado, ao lado, todos eles (os negros, homens e mulheres) com vestimentas –opas -, meio roxa. E tinha diversos. Formava aquela fila grande com todos acompanhando. Depois, em seguida vinham as crianças, depois os jovens, a mocidade, depois as moças, senhoras e, por último os homens.” (HO)

Em 1913 assume a paróquia o Padre Pedro Wagner que por mais de cinquenta anos dá diretrizes religiosas, sociais e políticas, não só para a cidade, mas para todo o município que soma à época mais de dois mil quilômetros quadrados o que hoje corresponde aos municípios de Gravataí, Canoas, Cachoeirinha e Glorinha.

Assim, já idos mais de 20 anos do Império Brasileiro, era hora de por os pés na República e acompanhar as políticas atuais da Igreja e do Estado. O padre Pedro enfatiza, dentro do espírito da Restauração Católica, as atividades pastorais como a catequese, a criação de associações religiosas, com ênfase no Apostolado da Oração, um dos primeiros movimentos religiosos liderado pelas mulheres e criado pela Igreja em 1898. Investe nos movimentos da Ação Católica e altera a Festa do Divino Espírito Santo, destituindo definitivamente o termo Imperador e criando uma comissão para a festa constituída de Presidente, Tesoureiro e Secretário. E, pela primeira vez, numa festa do Divino da paróquia aparece um sobrenome alemão.

Neste período são reforçados os tríduos e as novenas, passam para o controle do vigário as esmolas recolhidas pelas Bandeiras e os sermões consistem em discursos em defesa da família, das senhoras e moças e na defesa da moral e dos bons costumes. O catolicismo clerical é privilegiado em detrimento do catolicismo popular. É neste período que as mulheres começam a participar com ênfase da vida da Igreja e das ações paroquiais.

Nesta década se acentua a participação das mulheres na vida paroquial, quando são vistas como educadoras para o ensino do catecismo, para assistência a doentes, tornando-se grandes colaboradoras para a religião e para os cofres da paróquia. Ao mesmo tempo em que as moças da sociedade gravataiense eram prestigiadas quando conseguiam pertencer ao movimento “Filhas de Maria”; as solteiras; e as casadas, ao Apostolado da Oração.

Em 1932 o Brasil dá o direito do voto a todas as mulheres alfabetizadas e maiores de idade (21 anos à época).

O espírito do Movimento Integralista: Deus, Pátria e Família, que visa, acima de tudo, à ordem política, econômica e intelectual chega aos sermões das igrejas e a mulher brasileira deverá ser reconhecida como esteio da família modelar. É, para o Brasil, um salto de visibilidade que deverá ser sustentado pela família. E, naquela ou em qualquer concepção, não há família sem a figura da mulher que passa a ser um ente político.

Em 1938, com a cidade mais desenvolvida, os homens a cuidar dos negócios, acentuam-se os costumes urbanos e as moças e senhoras da sociedade são então a colmeia em torno da paróquia e retomam, junto dos esposos ou não, a Festa do Divino que ia esmorecendo. Os registros da festa, até então descritos no livro tombo, passam para os convites e mensagens impressos. Cada vez mais aparecem nomes de mulheres na organização, cargos e encargos da festa. Surge o cargo de Juíza. Até o momento não pude descobrir o verdadeiro papel deste cargo.

Nos convites e lembranças das festas vê-se cada vez mais a presença de alemães católicos. Isto se deve a um grande número de descendentes de alemães aqui residentes que, depois da Segunda Grande Guerra, converteram-se ao catolicismo, por perseguições do governo à etnia alemã. Deve-se isto também a casamentos entre as etnias portuguesa e alemã.

Assim, a devoção ao Divino iniciada em Gravataí pelos descendentes de açorianos e portugueses do Continente é também agora assumida por outras etnias. Deve ser considerada ainda a grande influência do Cônego Pedro Wagner, filho de imigrantes alemães, para a aproximação entre as famílias.

No contexto eclesial, o Concílio Vaticano II – 1961/65 traz mudanças importantes no sistema religioso, como a liberdade de culto – Leia-se: aceitação de outras religiões cristãs. Reforça o trabalho leigo na doutrina, apostando na Igreja Familiar. Surgem as Comunidades Eclesiais de Base, os movimentos para jovens e casais: (Emaús, Cursilho da Cristandade, CLJ, Equipes de Nossa Senhora...)

Mais uma vez a festa do Divino entra em “desuso”

Em 1971 temos o último registro da festa, no livro tombo da paróquia. Se ela ocorreu, não o foi nos moldes tradicionais e nem encontramos registros.

Fase atual

O resgate da festa tradicional do Divino Espírito Santo na Paróquia Nossa Senhora dos Anjos, em Gravataí, se dá em 2002, por ocasião dos festejos dos 250 anos do povoamento açoriano no RS. Era um tributo aos ilhéus que a trouxeram para o Estado.

Embora apagada do calendário paroquial, permanecia viva na memória popular e, daí a resgatá-la com o auxílio da memória oral e dos registros paroquiais, foi um passo.

Lizete Donga (2010) conta:

“No final de 2001, participávamos, meu esposo e eu, como coordenadores do movimento de cursilhos de cristandade, de uma reunião de pastorais na igreja matriz de Nossa senhora dos Anjos. Na ocasião o Mons. Irineu Aloísio Flach expôs o desejo da Associação Amigos dos Açores (Hoje Casa dos Açores) em ver reativada a festa do Divino Espírito Santo. Disse que gostaria que alguém da pastoral assumisse esse evento. Sabedora do quanto meu esposo é devoto do Divino Espírito Santo, olhei para ele e nem precisamos falar. Levantamos a mão e dissemos:

-Nós vamos assumir.”(p.256)

Assim, depois de muitas reuniões, pesquisas, consultas a historiadores, a festa foi remontada juntando peças das festas passadas que estavam ainda na memória oral e na memória escrita. Resgatou-se a figura do imperador, acrescentando, por analogia, a imperatriz, volta a figura do capitão do Mastro, Alferes da Bandeira passa a ser tarefa das mulheres, então com várias bandeiras para a visitação às famílias e comércio e o trabalho de ornamentação, doçaria, organização dos festejos e pompas são hoje realizados por elas que são a maioria na organização da festa. Atualmente, quem mais cuida da parte de alimentação na festa são os homens, enquanto as mulheres cuidam da parte social.

Sobre o resgate, Lizete comenta ainda:

“Tivemos que providenciar bandeiras. (...)

Procuramos as melhores pintoras de nossa cidade e a resposta, em forma de amor e de muita fé, veio em lindas e maravilhosas pinturas: Zena Schramm, Darcila Garcia, Dila Zini e Nadieses Martins.

Fomos a São Marcos comprar pombinhas de resina para a ponteira dos mastros. Não tínhamos alferes para a visitação das bandeiras. Conversei com Maria Dilce Fonseca Kurtz, a Dorvalina Machado, a Maria Regina Santos Topal e nós quatro fizemos o melhor que pudemos.” (Raízes de Gravataí p. 257)

Com o movimento surgiu também o grupo “Amigos do Divino”, composto por casais e simpatizantes homens e mulheres que se reúnem sistematicamente, para oração e organização da festa que acontece anualmente. Reforça este o grupo os ex-imperadores da fase atual.

E a festa do Divino volta a ser forte, constituindo-se também um evento de turismo religioso do município de Gravataí.

Convite da festa de 1947



Convite da primeira festa após o resgate

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

As festas do Divino Espírito Santo são as mais tradicionais do arquipélago dos Açores-Portugal. De origem medieval, iniciaram-se na Europa, no século XII, concentrando-se basicamente na Península Ibérica. Iniciam em abril com a passagem da bandeira, que colhe donativos entre os fiéis, indo até setembro. O ponto alto é um jantar ou almoço na Casa do Império, onde é coroado o imperador. Os símbolos do Divino Espírito Santo foram trazidos ao RS por colonos açorianos, chegados a partir de 1752 povoando principalmente, a região litorânea. Gravataí está resgatando o caráter original das antigas festas. A importância deste resgate reside no fato de estarmos comemorando, em 2002, os 250 anos da chegada dos primeiros colonos açorianos ao nosso Estado.

Organizadores:
Associação Amigos dos Açores
Movimento de Circunlo
Seminário São José
Museu Municipal Agostinho Martins

Após:
Fundos Prefeitura de Gravataí
Mão Cidadã

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO *CARLA*



15, 16, 17 e 19 de maio de 2002
IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA
DOS ANJOS - Gravataí

Pároco: Mons. Aloysio Irineo Flach

Devoto dando o nó na fita ao fazer pedido ao Divino Espírito Santo





Imperador, imperatriz e cortejo



CONCLUSÃO

Falar sobre participação efetiva das mulheres em festas e ajuntamentos sociais é, mais do que talvez se pense, algo que necessite de maior precisão, espaço e eficácia.

O que acabamos de abordar seria somente uma amostra que sugere uma provocação para desdobramentos possíveis do assunto. Quaisquer que sejam ou tenham sido as instituições organizadas, mesmo subtraindo-lhes os nomes, as mulheres jamais deixaram de ter papéis decisivos nas ações desenvolvidas, muito embora a elas não tenham sido dados os créditos das conquistas.

Em se tratando do assunto em questão, vimos a participação das mulheres que cresce ou que aparece de acordo com o contexto social e histórico de cada etapa.

Aqui, é dado ver a participação das mulheres que formavam a colmeia em torno da Igreja Matriz. Mas e as outras, da periferia, do interior, dos lugares da roça, onde estão? Percebemos, no final, que falamos de minorias privilegiadas para a época.

Contudo, através das ações organizadas pela Igreja, essas mulheres fazem chegar, através do ensino religioso da catequese e do atendimento filantrópico, um pouco da “civilização” às classes menos favorecidas de colonos, ex-escravos e seus filhos, um mundo com o qual precisam conviver e do qual necessitam também para sobreviverem.

Estes momentos, muitos deles registrados, de alguma forma serviram de modelo para a organização da sociedade atual. Não seria diverso em nenhum outro lugar.

A diferença é que hoje também a palavra das mulheres tornou-se decisiva nas organizações e todos sabem que não se pode prescindir da participação delas.

E a religião? E a fé? E a tradição?

Bem, religião é a resposta de como estar numa comunidade. Ser alguém reconhecido por essa comunidade. A fé é algo intrínseco, de cada um. Não cabe a nós e nem podemos medi-la. Então resta a tradição para garantir a identidade e o bom relacionamento comunitário, mesmo que seja somente no **tempo da festa**.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. **A Neocristandade: um projeto restaurador**: São Paulo: Paulus: Edições Paulinas, 1992 (História do Pensamento católico no Brasil)

CLAVAL, Paul. **Espaço e Poder**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1979

Documentos e fotos do acervo particular de Júlio Ricardo Barbosa dos Santos.

JACHEMET, Célia. **Tempo de Festa**; uma análise das festas do Divino (Espírito Santo): - 1859 – 1933 – Gravataí e Santo Antônio da patrulha. Porto Alegre. Evangraf.2002

Livro tombo da paróquia Nossa Senhora dos Anjos – 1859 a 1933

RAÍZES DE GRAVATAÍ: memória, história e cidadania/ Org. Célia Silva Jachemet e Vera Lucia Maciel Barroso. Prefeitura Municipal: Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, EST: Evangraf, 2011.

Fotos: Júlio Barbosa dos Santos Júnior